

METAFRAMEWORK: PROPOSTA DE MÉTODO HÍBRIDO PARA O DESENVOLVIMENTO DE FRAMEWORKS CONCEITUAIS EM ADMINISTRAÇÃO

*METAFRAMEWORK: A HYBRID METHOD PROPOSAL FOR THE DEVELOPMENT OF
CONCEPTUAL FRAMEWORKS IN MANAGEMENT*

CLAUDIO HENRIQUE PEREIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA

TADEU GOMES TEIXEIRA

Comunicação:

O XIII SINGEP foi realizado em conjunto com a 13th Conferência Internacional do CIK (CYRUS Institute of Knowledge), em formato híbrido, com sede presencial na UNINOVE - Universidade Nove de Julho, no Brasil.

METAFRAMEWORK: PROPOSTA DE MÉTODO HÍBRIDO PARA O DESENVOLVIMENTO DE FRAMEWORKS CONCEITUAIS EM ADMINISTRAÇÃO

Objetivo do estudo

Propor um método híbrido que integre Design Science Research, método de Jabareen e práticas consolidadas de gestão de projetos, criando um processo sistemático para o desenvolvimento de frameworks conceituais aplicáveis a contextos organizacionais complexos, com foco em adaptabilidade, governança e rigor acadêmico.

Relevância/originalidade

Amplia e integra modelos existentes ao incluir governança, critérios de prontidão, mecanismos de engajamento de stakeholders e gestão de ciclo de vida desde as fases iniciais, promovendo alinhamento entre rigor acadêmico e relevância prática em diferentes cenários organizacionais.

Metodologia/abordagem

Pesquisa metodológica orientada pela Design Science Research, adaptada com o método de Jabareen, estruturada em seis fases iterativas, cada uma com entregáveis definidos, critérios de prontidão e mecanismos de governança inspirados em princípios de gestão de projetos, garantindo coerência, controle e flexibilidade.

Principais resultados

Apresenta o MetaFramework, um método híbrido organizado em seis fases interdependentes, com entregáveis, critérios de prontidão e processos de governança que possibilitam aplicação gradual, adaptativa e controlada em diferentes contextos, permitindo ajustes contínuos e incorporando aprendizados de forma sistemática.

Contribuições teóricas/metodológicas

Integra abordagens teóricas consolidadas com práticas de gestão de projetos, criando um processo replicável, adaptável e gerenciável para o desenvolvimento de frameworks conceituais, fortalecendo a ligação entre pesquisa acadêmica e aplicação prática.

Contribuições sociais/para a gestão

Oferece um guia estruturado e adaptativo para implementação de frameworks conceituais, fortalecendo a capacidade das organizações em resolver problemas complexos, aumentar maturidade gerencial e implementar soluções de forma gradual, mensurável e sustentável.

Palavras-chave: Gestão de Projetos, Design Science Research, Framework Conceitual, Governança, Implementação

METAFRAMEWORK: A HYBRID METHOD PROPOSAL FOR THE DEVELOPMENT OF CONCEPTUAL FRAMEWORKS IN MANAGEMENT

Study purpose

Propose a hybrid method integrating Design Science Research, Jabareen's method, and established project management practices, creating a systematic process for developing conceptual frameworks applicable to complex organizational contexts, emphasizing adaptability, governance, and academic rigor.

Relevance / originality

Extends and integrates existing models by incorporating governance, readiness criteria, stakeholder engagement mechanisms, and lifecycle management from early stages, ensuring alignment between academic rigor and practical relevance in diverse organizational environments.

Methodology / approach

Methodological research guided by Design Science Research, adapted with Jabareen's method, structured into six iterative phases, each with defined deliverables, readiness criteria, and governance mechanisms inspired by project management principles, ensuring coherence, control, and flexibility throughout the process.

Main results

Introduces the MetaFramework, a hybrid method organized into six interdependent phases with deliverables, readiness criteria, and governance processes enabling gradual, adaptive, and controlled application across contexts, allowing continuous adjustments and systematically incorporating learnings.

Theoretical / methodological contributions

Integrates consolidated theoretical approaches with project management practices, creating a replicable, adaptable, and manageable process for developing conceptual frameworks, strengthening the bridge between academic research and practical application.

Social / management contributions

Provides a structured and adaptive guide for implementing conceptual frameworks, enhancing organizational capacity to address complex problems, improve managerial maturity, and implement solutions in a gradual, measurable, and sustainable manner.

Keywords: Project Management, Design Science Research, Conceptual Framework, Governance, Implementation

METAFRAMEWORK: PROPOSTA DE MÉTODO HÍBRIDO PARA O DESENVOLVIMENTO DE FRAMEWORKS CONCEITUAIS EM ADMINISTRAÇÃO

1 Introdução

A construção de frameworks conceituais tem se afirmado como uma abordagem cada vez mais presente na Administração, por estruturar o raciocínio científico e orientar práticas profissionais em contextos complexos (Moullin et al., 2020; Van Der Waldt, 2020). Este estudo tem como tema o desenvolvimento de métodos sistemáticos que conciliem, de forma equilibrada, robustez teórica e utilidade prática, integrando princípios de gestão e implementação de projetos.

Ainda que reconheça o seu potencial, a literatura aponta que os frameworks oscilam entre consistência conceitual e relevância aplicada, sem conseguir harmonizar satisfatoriamente essas dimensões (Partelow, 2023). Essa dificuldade configura o problema de pesquisa que motiva este trabalho: a ausência de diretrizes metodológicas claras, replicáveis e adaptáveis, capazes de integrar rigor analítico e aplicabilidade em contextos organizacionais. Enquanto a análise de estrutura conceitual proposta por Jabareen (2009) enfatiza a fundamentação teórica, abordagens como a Design Science Research (Vaishnavi & Kuechler, 2015) priorizam a criação de soluções práticas, embora nem sempre assegurem consistência conceitual, o que reforça a necessidade de propostas híbridas que considerem também princípios de governança, planejamento incremental e gestão de stakeholders.

Diante desse cenário, o objetivo deste artigo é propor e demonstrar o MetaFramework, um método híbrido, de natureza qualitativa e construtivista, estruturado em seis fases, que integra a Design Science Research (DSR) e o método de Jabareen (2009). A proposta organiza a construção e a implementação de frameworks conceituais como um projeto, com fases sequenciais e interativas, entregáveis definidos, critérios de prontidão e mecanismos de governança. Ao articular, desde as etapas iniciais, o rigor teórico característico de abordagens conceituais e a aplicabilidade prática típica de métodos de design e gestão de projetos, o MetaFramework contribui para padrões metodológicos mais transparentes, replicáveis e alinhados às melhores práticas da área. Parte-se da hipótese de que essa combinação tende a gerar frameworks conceituais mais consistentes, úteis e sustentáveis em diferentes contextos de pesquisa e prática.

2 Referencial Teórico

Esta seção explora os fundamentos teóricos que embasam o MetaFramework, detalhando as duas abordagens principais que o compõem: a Design Science Research (DSR) e o método de construção de frameworks conceituais proposto por Jabareen (2009). A análise comparativa subsequente destacará suas complementaridades e justificará a necessidade de integração à luz de discussões recentes sobre lacunas metodológicas.

2.1 Design Science Research (DSR)

A Design Science, segundo Vaishnavi e Kuechler (2015), refere-se à produção de conhecimento orientada à criação de artefatos funcionais, fundamentada em construtos, modelos, métodos e teorias. Trata-se de um conhecimento aplicado, que vincula problemas práticos a soluções efetivas. A Design Science Research (DSR) organiza essa produção, articulando design, análise e abstração. No campo dos Sistemas de Informação (SI), consolidou-se como paradigma relevante por propor soluções inovadoras e gerar conhecimento, funcionando como lente complementar a abordagens positivistas, interpretativas e críticas.

Diferentemente das ciências naturais, que buscam descrever e explicar fenômenos existentes, a DSR se insere no domínio da “ciência do artificial”, conforme conceituado por Simon (1996 apud Vaishnavi & Kuechler, 2015). Simon argumenta que o foco da ciência do design está na criação deliberada de artefatos com finalidades específicas. Ele defende que escolas profissionais, como as de negócios, deveriam adotar essa abordagem para desenvolver um corpo de conhecimento ensinável, rigoroso, analítico e parcialmente formalizável.

O modelo metodológico de Vaishnavi e Kuechler (2015), baseado em Takeda, Veerkamp e Yoshikawa (1990), estrutura a DSR como um ciclo iterativo composto por cinco fases: (1) Conscientização do Problema, em que se identifica um problema relevante com base em observações empíricas, avanços teóricos ou demandas práticas; (2) Sugestão, momento criativo em que se propõem soluções preliminares, baseadas em teorias existentes ou combinações inovadoras; (3) Desenvolvimento, fase de construção e refinamento do artefato, com uso de experimentações e ajustes iterativos; (4) Avaliação, que envolve testes e análises críticas com base em critérios definidos, incluindo a circunscrição entre resultados esperados e obtidos; e (5) Conclusão, que consolida os achados e comunica as contribuições para a ciência do design. O ciclo é sustentado por processos como abdução, dedução, circunscrição e abstração, permitindo revisões contínuas e gerando conhecimento aplicável.

A DSR se destaca por sua orientação a problemas reais, criação de artefatos úteis e avaliação sistemática. Entretanto, sua ênfase na construção empírica limita sua aplicação na formulação de frameworks conceituais que exigem maior densidade teórica (Larsen et al., 2025). Além disso, a atuação em contextos práticos pode comprometer a transparência metodológica, especialmente quando envolve dados sensíveis ou alta complexidade conceitual (Hevner et al., 2024).

2.2 Análise de Framework Conceitual (Jabareen, 2009)

Ao contrário da DSR, cujo foco recai sobre a criação de artefatos, a abordagem de Jabareen (2009) tem origem nas ciências sociais e no planejamento, apoiando-se em métodos qualitativos, notadamente a Teoria Fundamentada. Seu objetivo é suprir a carência de métodos sistemáticos e qualitativos voltados à construção de frameworks que articulem múltiplos saberes e deem conta da complexidade dos fenômenos.

Jabareen redefine “conceito” como um construto relacional, com múltiplos significados e trajetória histórica. O “framework conceitual”, por sua vez, é compreendido como uma rede de conceitos interconectados, voltada à compreensão interpretativa, e não à explicação causal.

Para construir esse tipo de framework, Jabareen propõe o método da “análise de framework conceitual”, que privilegia a teorização e a articulação de conceitos emergentes, indo além da simples categorização temática. O processo envolve oito fases iterativas: (1) Mapeamento de fontes de dados, com ampla seleção de materiais relevantes; (2) Leitura e categorização, com classificação segundo origem disciplinar e relevância; (3) Identificação de conceitos-chave por meio de codificação aberta; (4) Desconstrução e categorização, analisando atributos conceituais e construindo mapas sistemáticos; (5) Integração de conceitos em categorias amplas e coerentes; (6) Síntese contínua, com refinamento progressivo da estrutura; (7) Validação interna e externa, avaliando coerência e aplicabilidade; e (8) Aprimoramento contínuo, com atualizações baseadas em novos dados e contribuições teóricas.

Esse método se destaca pela capacidade de lidar com a complexidade multidisciplinar por meio da síntese teórica rigorosa. No entanto, carece de diretrizes para transformar os frameworks em artefatos operacionais ou passíveis de avaliação empírica.

2.3 Lacunas Metodológicas e Caminhos para a Integração Teórico-Prática

A construção de frameworks conceituais ainda enfrenta lacunas metodológicas importantes, especialmente em contextos interdisciplinares. Embora existam propostas

sistemáticas, como a de Jabareen (2009), elas são pouco difundidas e muitas vezes confundidas com sínteses descritivas. Além disso, diversos frameworks operam como “caixas-pretas”, sem explicitação dos fundamentos conceituais nem da lógica que articula seus componentes, dificultando sua replicação e aplicação (Partelow, 2023).

No campo da *Design Science Research* (DSR), frameworks são reconhecidos como artefatos válidos, mas enfrentam desafios similares. A tradição da DSR prioriza a construção e avaliação empírica de artefatos, frequentemente em detrimento da explicitação de sua base conceitual. Para atenuar essa lacuna entre “como” e “por que” o artefato funciona, Vaishnavi e Kuechler (2015) propõem teorias explicativas que conectem fundamentos teóricos às características do design. No entanto, ainda faltam diretrizes claras para guiar a concepção teórica e validar as contribuições geradas (Larsen et al., 2025).

Nesse contexto, emergem propostas híbridas que combinam métodos estruturados e flexíveis. Um exemplo é o *Design Science Action Research* (DSAR), modelo desenvolvido por Castro et al. (2025), que integra os ciclos de design da DSR aos princípios reflexivos da *Action Research*, possibilitando a avaliação de artefatos em contextos reais e colaborativos. Modelos adaptativos como esse buscam capturar a complexidade e a não linearidade da inovação; no entanto, segundo Fendt (2025), ainda enfrentam desafios quanto à validação empírica e à generalização.

Outro aspecto crítico diz respeito à maturidade institucional e à transparência na adoção de frameworks. Mesmo frameworks robustos são pouco utilizados na prática (Moullin et al., 2020). Para garantir rastreabilidade e confiança, é essencial explicitar autores, valores e métodos envolvidos (Partelow, 2023). Além disso, a linguagem altamente especializada da DSR pode representar barreira de acesso, exigindo familiaridade teórica avançada (Vaishnavi & Kuechler, 2015).

Diante dessas limitações, este trabalho propõe o MetaFramework como uma alternativa voltada à transparência, flexibilidade e adequação contextual. Sua concepção integra elementos da DSR, do método de Jabareen (2009) e das boas práticas identificadas em propostas híbridas e adaptativas. Busca-se, assim, suprir lacunas relacionadas à sistematização conceitual, à articulação entre métodos, à consideração da maturidade organizacional e à validação teórica. O objetivo é oferecer um método que une rigor analítico e aplicabilidade em diferentes contextos de pesquisa e prática.

3 METODOLOGIA

A formulação do método híbrido proposto fundamenta-se em uma abordagem teórico-conceitual, de natureza qualitativa e construtivista, orientada à construção de artefatos metodológicos. Nesta perspectiva, o MetaFramework é concebido como um projeto de desenvolvimento metodológico, com fases claramente definidas, produtos de saída (entregáveis), critérios de prontidão e mecanismos de governança. A integração da lógica da *Design Science Research* (DSR) com princípios de gestão de projetos assegura que cada etapa seja conduzida com controle de escopo, monitoramento de progresso e validação de resultados, permitindo ajustes iterativos ao longo do ciclo de desenvolvimento.

O percurso metodológico adotado se estrutura em três pilares interconectados:

3.1 Análise Comparativa Sistêmática

O primeiro pilar consistiu na comparação entre duas abordagens metodológicas centrais: a *Design Science Research* (DSR), especialmente formalizada por Vaishnavi e Kuechler (2015), e o método de construção de frameworks conceituais proposto por Jabareen (2009). A DSR oferece um ciclo iterativo composto por cinco fases (conscientização, sugestão, desenvolvimento, avaliação e conclusão), orientado à criação de artefatos úteis e inovadores,

com ênfase na relevância prática e na avaliação empírica. Já Jabareen propõe oito fases voltadas à construção de frameworks a partir de análise interpretativa de dados qualitativos, com foco na densidade teórica e na compreensão de fenômenos complexos.

A análise comparativa revelou complementaridades importantes. A DSR aporta orientação prática e estruturação processual, enquanto Jabareen oferece profundidade analítica e rigor conceitual. Identificaram-se também tensões, como a limitada ênfase da DSR na construção teórica inicial e a escassa orientação prática no método de Jabareen. A estratégia de hibridização buscou explorar essas sinergias e mitigar as limitações por meio da incorporação seletiva de elementos de ambas as abordagens, complementados por componentes adicionais quando necessário.

3.2 Revisão Crítica da Literatura Recente (2020–2025)

O segundo pilar da pesquisa foi uma revisão da literatura com o objetivo de identificar trabalhos relacionados e buscar soluções conceituais para desafios metodológicos recorrentes. Foram analisados avanços recentes na ciência da implementação, na combinação de métodos e no uso de modelos diagnósticos, como os aplicados na avaliação de maturidade institucional. Nesse processo, a seleção das fontes para a construção do MetaFramework foi realizada a partir das bases de dados acadêmicas Scopus, Emerald e ResearchGate, amplamente utilizadas na área de gestão.

Os termos de pesquisa foram formulados para abranger as principais áreas do estudo, utilizando combinações específicas de palavras-chave. As buscas focaram em termos como "conceptual framework AND (management OR administration OR business) AND design science research", "systematic framework construction AND (theoretical rigor OR theoretical foundations) AND management" e "(implementation science OR intervention adaptation) AND (frameworks OR models) AND (management OR business)". Com exceção das fontes principais de comparação, todos os demais itens foram limitados àqueles publicados nos últimos cinco anos, garantindo a atualidade e relevância das informações. Ao todo, 38 itens foram selecionados pelos seus títulos e resumos e analisados pela sua qualidade teórica e relevância para o objetivo, dos quais 12 foram utilizados para integrar diretamente o rigor conceitual e aplicabilidade prática no MetaFramework.

3.3 Síntese Iterativa e Design do Método

Com base nos insumos teóricos e empíricos, iniciou-se um processo de síntese e design iterativo. A primeira etapa envolveu o mapeamento detalhado das fases e ferramentas da DSR e do método de Jabareen, o que possibilitou a identificação de convergências, divergências e lacunas em relação aos objetivos do estudo.

Nesse contexto, foi identificada a necessidade de um diagnóstico contextual mais consistente antes da validação formal. A partir dessa análise, foram combinados elementos-chave da DSR e do método de Jabareen, como o ciclo iterativo e as etapas de construção conceitual. Além disso, componentes inéditos, como o diagnóstico contextual e o planejamento de implantação, foram incorporados, com base na literatura sobre implementação e maturidade institucional.

A hibridização foi guiada pela busca de um percurso metodológico sinérgico. Enquanto a DSR oferece estrutura, aplicabilidade e foco em avaliação, Jabareen contribui com profundidade conceitual. A combinação desses elementos visa superar as limitações individuais de cada abordagem, promovendo articulação entre rigor teórico e utilidade prática desde as fases iniciais até a aplicação.

Por fim, o método também foi orientado pelos processos cognitivos descritos na DSR, que incluem abdução, dedução, circunscrição, reflexão e abstração. Esses processos foram

reinterpretados como guias estruturantes do raciocínio metodológico, com o objetivo de tornar o design mais transparente, reflexivo e acessível a outros pesquisadores.

4 Análise dos Resultados e Discussões

Os resultados deste estudo materializam-se no MetaFramework, um método híbrido que organiza a construção de frameworks conceituais como um projeto de pesquisa e desenvolvimento, integrando a Design Science Research (DSR) e o método de Jabareen (2009) com princípios e práticas da gestão de projetos. Essa perspectiva amplia o alcance do método, pois transforma um conjunto de etapas conceituais em um processo gerenciável, com fases bem definidas, entregáveis intermediários, critérios de prontidão e mecanismos de governança que asseguram consistência e aplicabilidade. Embora estruturadas de forma sequencial, as fases são intercaladas por ciclos iterativos que permitem flexibilidade e promovem aprendizado contínuo, característica central da abordagem DSR. Ao enquadurar a construção de frameworks conceituais como um projeto, o MetaFramework permite aplicar estratégias de gestão do ciclo de vida, controle de qualidade e engajamento de stakeholders, alinhando rigor acadêmico e relevância prática. Assim, cada fase é não apenas um momento metodológico, mas também um marco gerencial, facilitando a supervisão, a mensuração de progresso e a tomada de decisão. A Tabela 1 apresenta uma visão geral da estrutura do método, que é descrita em maior detalhe a seguir.

Tabela 1 - Estrutura do Método Híbrido Proposto

Fase	Objetivo Central	Atividades Essenciais	Produtos-Chave	Envolvimento de Stakeholders
Fase 1: Definição e Delimitação do Escopo	Delimitar o problema e alinhar as abordagens teóricas e práticas do escopo. Validar a relevância com stakeholders.	Definir problema, objetivo e fontes teóricas. Construir a Matriz Lógica. Organizar o problema e alinhar teorias.	Matriz Lógica, Definição do Problema, Objetivo e Fontes Teóricas	Stakeholders são essenciais para validar relevância, fornecer evidências e colaborar no processo decisional.
Fase 2: Construção Teórico-Conceitual (Alpha)	Construir a primeira versão do framework (Alpha) fundamentado em literatura científica.	Mapear fontes teóricas, codificar dados, analisar conceitos e categorias, refinamento contínuo.	Alpha - Modelo Conceitual, Definições Operacionais, Log de Decisões	Stakeholders minimamente envolvidos para evitar influências externas. Engajamento reintroduzido na Fase Beta.
Fase 3: Avaliação de Aderência Contextual	Testar a aderência do modelo teórico à realidade organizacional.	Avaliar alinhamento do modelo com práticas organizacionais usando a Matriz de Aderência. Coleta de dados (entrevistas, questionários).	Matriz de Aderência, Diagnóstico Institucional	Stakeholders contribuem para coleta de dados e fornecem feedback sobre a aderência do modelo à realidade organizacional.

Fase 4: Refino e Validação (Beta)	Aperfeiçoar e validar o modelo com base em feedbacks práticos.	Ajustar modelo com feedbacks da Fase 3, aplicar a metodologia Kano e MoSCoW para priorização e validação junto aos stakeholders.	Beta - Framework Validado, Relatório de Ajustes, Feedbacks de Validação	Stakeholders fundamentais para validar a versão Beta, priorizar componentes e garantir que o modelo atenda às expectativas organizacionais.
Fase 5: Planejamento da Implantação Faseada	Planejar a transição do modelo validado para a aplicação prática em ondas incrementais.	Mapear dependências, estruturar ondas de implementação, classificar componentes em funções essenciais e avançadas, avaliação da prontidão.	Plano Faseado de Implantação, Estrutura das Ondas, Critérios de Prontidão	Stakeholders envolvidos no processo de planejamento, avaliação de prontidão e execução de testes-piloto para ajustar a implantação.
Fase 6: Consolidação e Governança (Gamma)	Consolidar e formalizar a governança do framework para aplicação autônoma e progressiva.	Criar o Guia de Governança, formalizar comitê gestor, estabelecer fluxos decisórios e revisar periodicamente o modelo.	Gamma – Framework Final, Guia de Governança, Comitê Gestor	Stakeholders principais são os membros do comitê gestor, com responsabilidades de monitorar e adaptar a aplicação do modelo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

A natureza iterativa do MetaFramework, inspirada na DSR, manifesta-se não apenas dentro de cada fase, mas também entre elas. Por exemplo, os achados da 'Matriz de Aderência' (Fase 3) podem revelar a necessidade de revisitar e refinar o 'Framework Alpha' (Fase 2). Esses ciclos de feedback são formalizados por meio da revisão dos produtos-chave de fases anteriores e da documentação explícita das alterações e suas justificativas, garantindo que o aprendizado seja incorporado de forma sistemática.

4.1 Fase 1: Definição e Delimitação do Escopo

A primeira fase do MetaFramework visa delimitar o problema a ser resolvido, alinhando as abordagens teóricas e práticas do escopo. O objetivo é validar, com os stakeholders, a relevância e urgência da questão, garantindo que a pesquisa se concentre no problema mais crítico. A definição deve ser específica, evitando uma abordagem ampla que comprometa a eficácia do framework.

A Matriz Lógica organiza o problema, o objetivo do framework e as áreas teóricas a serem exploradas. Ela apresenta uma descrição clara do problema, acompanhada de evidências fornecidas pelos stakeholders que comprovem sua importância e urgência. O objetivo do framework deve ser prático, focado na solução do problema, e o escopo teórico se baseia em fontes indicadas pelos stakeholders, como guias de referência e corpos de conhecimento estabelecidos (ex.: PMBOK). Fontes acadêmicas mais amplas serão abordadas na fase 2, quando a pesquisa se expandirá a partir do problema.

A Matriz Lógica também identifica os stakeholders e o grau de sua participação. Sua colaboração é essencial para garantir que o framework atenda às necessidades e percepções deles. Ao final da fase, a Matriz fornece uma base sólida para as etapas subsequentes, com a

definição do problema, objetivo, fontes e envolvimento dos stakeholders, orientando o processo decisório futuro.

Do ponto de vista metodológico, nesta fase, predomina o raciocínio abdutivo. A partir dos dados preliminares e do conhecimento prévio compartilhado com os stakeholders, infere-se a natureza provável do problema e os eixos estruturantes do framework. Essa abordagem permite formular uma hipótese inicial sobre como o framework pode contribuir para a solução, direcionando a construção conceitual nas etapas seguintes.

4.2 Fase 2: Construção Teórico-Conceitual (*Alpha*)

A fase 2 tem como foco a construção da primeira versão do framework, chamada Alpha, após a definição e validação da Matriz Lógica. O objetivo principal é criar um modelo conceitual consistente, fundamentado exclusivamente na literatura científica e técnica pertinente. O foco é garantir que o framework tenha uma base teórica sólida, sem influências de questões operacionais ou contextuais, que serão abordadas nas fases seguintes.

A denominação "Alpha" é inspirada no ciclo de lançamento de produtos digitais, no qual uma versão Alpha é considerada "feature-complete", ou seja, com todas as funcionalidades implementadas, mas ainda não testadas em um ambiente amplo. Esse termo reflete o estágio do framework, que, embora conceitualmente pronto, ainda precisa passar por testes e validações práticas. Nessa fase, o modelo será refinado para garantir consistência teórica antes de sua aplicação prática.

A fase segue, de forma geral, as etapas 1 a 6 do método de análise conceitual de Jabareen (2009), que apresenta uma estrutura iterativa e lógica para a construção de frameworks. A aplicação dessas fases é importante para garantir que os conceitos sejam extraídos de maneira genuína das fontes, permitindo que o modelo seja inteiramente teórico antes de ser testado em contextos mais amplos. Esse processo, descrito por Jabareen, assegura uma construção rigorosa, com o desenvolvimento da teoria de forma independente, antes de sua aplicação prática.

A construção do Alpha começa com o mapeamento das fontes teóricas relevantes, baseadas nos tópicos-chave definidos na Matriz Lógica. A partir dessa base, realiza-se uma leitura detalhada das fontes e a codificação dos dados extraídos. Esse processo organiza as informações de forma clara, possibilitando a identificação e a definição dos conceitos, que são então analisados profundamente, levando em consideração seus atributos e fundamentos teóricos. A codificação facilita o agrupamento de conceitos em categorias, com base nas relações e afinidades entre eles.

Na sequência, os conceitos são analisados e refinados continuamente, levando em conta a lógica interna do framework. Cada categoria é desconstruída e os conceitos são comparados e agrupados para formar uma estrutura coesa e bem fundamentada. Esse refinamento contínuo, inspirado no ciclo iterativo do desenvolvimento de produtos, garante que o framework evolua de forma consistente.

Durante todo o processo, o envolvimento dos stakeholders é minimizado para evitar que pré-conceitos ou influências externas distorçam a construção teórica. Essa abordagem permite que os conceitos se originem das fontes de maneira pura, sem interferência de pressões externas. O engajamento dos stakeholders será reintroduzido na Fase Beta, quando o framework será ajustado para contextos práticos.

Ao final dessa fase, o Alpha consistirá em um mapa conceitual detalhado, com definições operacionais claras para cada conceito, além de um log de decisões metodológicas que documenta as escolhas feitas ao longo do processo. O raciocínio predominante dessa fase é de síntese, conforme a abordagem de Jabareen, embora o framework resultante prepare o terreno para a dedução, que será central na fase seguinte.

4.3 Fase 3: Avaliação de Aderência Contextual

A Fase 3 tem como objetivo testar a aderência do framework conceitual à realidade organizacional. Trata-se de um teste preliminar de adequação do Framework Alpha, com foco em verificar se os componentes do modelo se alinham às práticas observadas, identificar desalinhamentos conceituais e sugerir ajustes. Embora não seja uma validação formal, esta fase proporciona uma visão inicial do desempenho do framework em contextos reais.

A avaliação é conduzida por meio da Matriz de Aderência, na qual os componentes do modelo são classificados em três níveis: presença consolidada, presença parcial ou ausência. Os dados podem ser coletados por entrevistas, análise documental, observação ou questionários, conforme o acesso ao ambiente organizacional.

Neste estágio, adota-se a distinção entre função principal e forma, conforme discutido no campo da ciência da implementação (Kirk et al., 2020). A função principal é o propósito central de um componente, enquanto a forma é a maneira como essa função se manifesta. Mesmo que a forma esperada não esteja presente, o diagnóstico pode revelar que a organização cumpre a função de maneira alternativa, permitindo preservar práticas já consolidadas.

A Matriz de Aderência não deve se limitar à presença literal dos elementos, mas considerar também sua capacidade de cumprir a função prevista. Cada item do framework é traduzido em indicadores observáveis, permitindo uma análise mais aprofundada e uma avaliação mais precisa de sua aplicabilidade no contexto real.

Nesta fase, a abordagem metodológica não segue um procedimento rígido, mas é guiada por princípios orientadores que favorecem a flexibilidade. A avaliação pode ser conduzida por pesquisadores externos ou profissionais internos, por meio de autoavaliação, dependendo das condições e necessidades do contexto organizacional.

Os resultados dessa fase geram uma avaliação sistemática da aderência do framework ao contexto investigado. O produto é um artefato analítico, que serve como ponte entre a teoria e a prática, incluindo a classificação dos componentes, justificativas para suas classificações, e uma análise interpretativa que identifique padrões relevantes. Esse artefato fornece uma base sólida para os próximos passos no refinamento do modelo.

Do ponto de vista metodológico, essa fase articula raciocínios dedutivo e circunscritivo. A dedução orienta a verificação das hipóteses do modelo, enquanto a circunscrição permite aprender com desvios e resultados inesperados, proporcionando insights valiosos para o aprimoramento contínuo do framework.

4.4 Fase 4: Refino & Validação (Beta)

A Fase 4 concentra-se no aperfeiçoamento intensivo e na validação do framework, incorporando diferentes insumos para revisar e ajustar o modelo com vistas à sua aplicação prática. Entre esses insumos estão os feedbacks coletados na Fase 3, as análises de aderência e as prioridades organizacionais identificadas ao longo do processo. O principal resultado desta etapa é a versão Beta, que representa um framework mais amadurecido e alinhado às demandas do contexto real.

A atividade central consiste em assegurar que o modelo seja viável e funcional na prática, considerando as evidências disponíveis e as demandas da organização. Para isso, realiza-se uma avaliação dos componentes do framework junto aos stakeholders, com o intuito de ajustar o modelo às expectativas e reduzir eventuais resistências. Essa avaliação combina o modelo de satisfação Kano com a técnica de priorização MoSCoW, conforme proposto por Ton (2022), permitindo priorizar os componentes com base em seu impacto na satisfação dos stakeholders. O objetivo é, simultaneamente, qualificar o modelo e facilitar sua aceitação e sustentabilidade em contextos reais.

O modelo Kano, segundo Ton (2022), classifica os componentes em quatro categorias: Atributos de Limiar (*threshold attributes*), Atributos de Desempenho (*performance attributes*), Atributos de Entusiasmo (*excitement attributes*) e Indiferentes. Essas categorias são articuladas aos níveis de prioridade do método MoSCoW. Os Atributos de Limiar correspondem aos itens Must Have, que evitam a insatisfação, embora não gerem satisfação adicional quando presentes. Os Atributos de Desempenho são classificados como Should Have, pois contribuem diretamente para o aumento da satisfação e, quando ausentes, tendem a gerar insatisfação. Já os Atributos de Entusiasmo são associados aos itens Could Have, cuja presença gera satisfação, mas cuja ausência não causa prejuízo. Por fim, os componentes considerados Indiferentes são categorizados como Won't Have, por não impactarem a percepção dos stakeholders.

A partir da Matriz de Aderência e das análises combinadas de Kano e MoSCoW, o Framework Alpha será ajustado para gerar a versão Beta. Essa transição incluirá a incorporação de novos elementos ou novos agrupamentos, ajustes conceituais e a reorganização das categorias do modelo, buscando manter sua lógica interna e a coerência teórica. Assim, o framework permanece alinhado aos princípios originais, mas torna-se mais eficaz para a aplicação prática.

A versão Beta será validada por meio de entrevistas com stakeholders, testes em ambiente real e observações das práticas organizacionais. O retorno obtido nesses momentos orientará os ajustes finais, contribuindo para que o modelo atenda de forma mais precisa às necessidades organizacionais. Embora a validação e os ajustes ocorram nesta fase, a implementação em larga escala será planejada e detalhada apenas na etapa seguinte.

Esta fase também se configura como um momento de reflexão crítica, permitindo que o framework seja continuamente aprimorado com base nos feedbacks adicionais. O modelo pode ser adaptado para incorporar aprendizados e responder às mudanças do ambiente organizacional.

Ao final da Fase 4, o framework Beta estará consolidado, acompanhado de um relatório final que documenta os ajustes realizados, suas respectivas justificativas e os resultados obtidos nos testes de validação. Essa versão estará, então, pronta para ser implementada de forma contínua, conforme o plano que será elaborado na próxima fase.

4.5 Fase 5: Planejamento da Implantação Faseada

A Fase 5 tem como objetivo principal o planejamento detalhado da transição do modelo validado para sua aplicação prática, com uma abordagem incremental e adaptativa. Nesta fase, a implantação do modelo será estruturada em ondas, que respeitam as capacidades da organização, sua maturidade institucional e as condições organizacionais envolvidas. O primeiro passo dessa estruturação é o mapeamento das dependências entre os componentes do framework. Utilizando conceitos de gestão de projetos, como Término para Início (TI), Início para Início (II), Término para Término (TT) e Início para Término (IT), é possível definir a sequência correta das atividades, garantindo que as interdependências sejam atendidas. Por exemplo, a implementação de um sistema de avaliação de desempenho deve ser concluída antes da introdução de um programa de bonificação variável, pois a bonificação depende da avaliação de desempenho dos colaboradores, que será fornecida por esse sistema.

Com as dependências mapeadas, a próxima etapa é classificar os componentes do framework em funções essenciais, funções intermediárias e funções avançadas. As funções essenciais são indispensáveis para garantir o funcionamento básico do modelo e devem ser implementadas primeiro. As funções de apoio, por sua vez, são classificadas em funções intermediárias e funções avançadas. As intermediárias são importantes para a expansão do modelo e aprimoramento de suas funcionalidades, enquanto as avançadas representam as características mais sofisticadas, sendo implantadas em ondas posteriores, quando a organização estiver mais madura e preparada para absorver essas mudanças.

Essa classificação dos componentes impacta diretamente as ondas de implementação. As ondas serão estruturadas de forma que as funções essenciais sejam priorizadas na implementação inicial, seguidas pelas funções intermediárias e, por último, pelas avançadas. A priorização será feita utilizando a metodologia MoSCoW-Kano, permitindo que a organização determine quais funcionalidades devem ser implementadas primeiro, de acordo com suas necessidades mais urgentes e sua capacidade de absorver mudanças.

Além disso, a fase também prevê a avaliação da prontidão organizacional ao longo de toda a fase. Porém, é importante destacar que essa avaliação não se trata de uma análise única da organização, mas da definição de critérios de prontidão específicos para cada onda de implementação. Esses critérios de prontidão serão fundamentais para determinar quando a organização estará preparada para avançar para cada nova fase da implantação, garantindo que as mudanças sejam absorvidas de maneira eficiente, sem sobrecarga.

Testes-piloto serão realizados durante cada onda de implementação, e os feedbacks coletados serão essenciais para ajustar o processo conforme a implantação avança. Durante essa fase, a governança está focada em garantir a adaptação contínua e o controle do processo de implantação. No entanto, a formalização da governança será feita apenas na Fase 6, quando será estabelecida a estrutura de acompanhamento formal e adaptativo do modelo.

Ao final da Fase 5, o modelo estará pronto para a transição para a versão Gamma, com o framework final sendo organizado em ondas e pronto para ser implementado de forma adaptativa. O Plano Faseado de Implantação, que detalha a estratégia progressiva, será o principal entregável desta fase. Esse plano orientará a aplicação gradual do modelo em larga escala e conterá os critérios de prontidão organizacional para cada onda, a classificação dos componentes em funções essenciais, intermediárias e avançadas, bem como a definição das ondas de implementação.

4.6 Fase 6: Consolidação e Governança

A Fase 6 visa consolidar os produtos do processo metodológico e estruturar as condições necessárias para a adoção autônoma e progressiva do framework pela organização. Nessa fase, o modelo é finalmente finalizado e formalizado como framework Gamma, pronto para ser aplicado em larga escala. O framework consolidado resulta de todas as análises, ajustes e refinamentos realizados ao longo das fases anteriores, e sua versão final inclui as funções essenciais, intermediárias e avançadas, assim como os critérios de prontidão organizacional estabelecidos.

O Guia de Governança do Framework será o principal produto dessa fase, reunindo e integrando diversos produtos anteriores, com ênfase no Plano Faseado de Implantação. Esse guia tem como objetivo fornecer uma estrutura clara para a governança contínua e a adaptação do framework ao longo do tempo. Ele incluirá uma matriz de responsabilidades, que definirá os papéis e responsabilidades dos atores envolvidos, e funcionará também como um registro das lições aprendidas, tanto antes quanto após a implementação. Dessa forma, ele se torna um documento dinâmico que não apenas organiza a aplicação do modelo, mas também facilita a gestão da mudança, a revisão contínua e a adaptação do modelo conforme a organização evolui.

O guia também conterá diretrizes detalhadas sobre os fluxos decisórios, os critérios de adaptação contextual, os mecanismos de governança e as instruções para a realização de revisões periódicas do modelo. Ele se torna uma ferramenta essencial para a liderança da organização, garantindo que a implementação e evolução do modelo sejam conduzidas de forma eficaz e adaptativa.

A governança será formalizada com a criação de um comitê gestor do framework, responsável por monitorar a aplicação do modelo e garantir que ele continue evoluindo conforme as necessidades da organização. O comitê será composto por representantes das áreas impactadas pela implementação e, idealmente, por um guardião do método, com profundo

conhecimento sobre o modelo. Esse comitê terá a responsabilidade de garantir a fidelidade funcional do framework, conduzir ciclos periódicos de revisão, implementar as adaptações necessárias, e promover capacitações que garantam a continuidade da aplicação do modelo. Ele também desempenhará um papel importante na preservação da memória institucional, assegurando que o conhecimento acumulado sobre a aplicação do modelo seja documentado e acessível.

Com a conclusão da Fase 6, a responsabilidade pela aplicação e evolução do modelo será transferida para a organização, encerrando formalmente a atuação do pesquisador. No entanto, um período de transição pode ser acordado, durante o qual o pesquisador poderá atuar como consultor, ajudando o comitê gestor na consolidação de processos ou em eventuais revisões do modelo.

5 Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo principal propor um método sistemático capaz de articular profundidade conceitual e aplicabilidade prática na construção de frameworks conceituais. Como resultado, foi desenvolvido o MetaFramework, um modelo híbrido que combina a *Design Science Research* (DSR) e o método de Jabareen (2009) com princípios e práticas da gestão de projetos, estruturando a construção de frameworks como um processo gerenciável, com fases, entregáveis, critérios de prontidão e mecanismos de governança.

A análise realizada evidenciou que a integração das abordagens DSR e Jabareen, associada a fundamentos de gestão de projetos, cria uma estrutura robusta para o desenvolvimento de frameworks conceituais aplicáveis a contextos organizacionais complexos. O MetaFramework foi concebido como um processo contínuo de desenvolvimento, validação e adaptação, no qual a governança e a participação de stakeholders são incorporadas desde as fases iniciais, permitindo alinhamento entre rigor acadêmico e relevância prática.

Embora ainda não tenha sido aplicado empiricamente, a fundamentação teórica e a lógica metodológica indicam que a adoção de uma abordagem híbrida e iterativa pode gerar frameworks mais consistentes, escaláveis e adaptáveis. A efetividade do modelo, contudo, dependerá de sua validação em diferentes tipos de organizações, considerando desafios como a complexidade de implementação e o nível de maturidade gerencial.

Recomenda-se que pesquisas futuras testem o MetaFramework em setores públicos e privados, especialmente em organizações com baixa maturidade gerencial, explorando ainda sua integração com tecnologias emergentes como inteligência artificial para automatizar etapas críticas, como mapeamento conceitual e análise de dados. Esse uso de tecnologia pode ampliar a eficiência, a precisão e a escalabilidade do método, tornando-o mais acessível e responsável às demandas contemporâneas.

Do ponto de vista prático, a estrutura proposta oferece um guia adaptativo para organizações que desejam implementar frameworks conceituais de forma gradual e controlada. Ao tratar o desenvolvimento conceitual como um projeto, o MetaFramework permite monitorar progresso, controlar qualidade e incorporar aprendizado contínuo, assegurando que a aplicação se mantenha coerente com os objetivos estratégicos.

Em síntese, o MetaFramework representa um avanço metodológico ao integrar rigor teórico, práticas de gestão de projetos e potencial de aplicação prática. Sua contribuição reside na capacidade de transformar teoria em ação de forma disciplinada, transparente e iterativa, com potencial de impactar tanto o avanço científico quanto a eficácia administrativa em contextos organizacionais complexos, desde que validado empiricamente.

6 Referências Bibliográficas

- Castro, V. de, Martín-Peña, M. L., Martínez, E. M., & Salgado, M. (2025). Combining Action Research With Design Science as a Qualitative Research Methodology. An Application to Service (Operations) Management Research. *International Journal of Qualitative Methods*, 24, 16094069241312018. <https://doi.org/10.1177/16094069241312018>
- Fendt, J. (2025). Exapt, Adapt, Disrupt: A Conceptual Framework for Systemic Innovation. *Journal of Entrepreneurship and Business Innovation*, 12(1), 12. <https://doi.org/10.5296/jebi.v12i1.22770>
- Hevner, A. R., Parsons, J., Brendel, A. B., Lukyanenko, R., Tiefenbeck, V., Tremblay, M. C., & Vom Brocke, J. (2024). Transparency in design science research. *Decision Support Systems*, 182, 114236. <https://doi.org/10.1016/j.dss.2024.114236>
- Jabareen, Y. (2009). Building a Conceptual Framework: Philosophy, Definitions, and Procedure. *International Journal of Qualitative Methods*, 8(4), 49–62. <https://doi.org/10.1177/160940690900800406>
- Kirk, M. A., Moore, J. E., Wiltsey Stirman, S., & Birken, S. A. (2020). Towards a comprehensive model for understanding adaptations' impact: The model for adaptation design and impact (MADI). *Implementation Science*, 15(1), 56. <https://doi.org/10.1186/s13012-020-01021-y>
- Larsen, K., Lukyanenko, R., Storey, V., Mueller, R., Parsons, J., VanderMeer, D., & Hovorka, D. (2025). Validity in Design Science. *SSRN Electronic Journal*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.5176095>
- Moullin, J. C., Dickson, K. S., Stadnick, N. A., Albers, B., Nilsen, P., Broder-Fingert, S., Mukasa, B., & Aarons, G. A. (2020). Ten recommendations for using implementation frameworks in research and practice. *Implementation Science Communications*, 1(1), 42. <https://doi.org/10.1186/s43058-020-00023-7>

- Partelow, S. (2023). What is a framework? Understanding their purpose, value, development and use. *Journal of Environmental Studies and Sciences*, 13(3), 510–519.
<https://doi.org/10.1007/s13412-023-00833-w>
- Takeda, H., Veerkamp, P., & Yoshikawa, H. (1990). Modeling Design Process. *AI Magazine*, 11(4), Artigo 4. <https://doi.org/10.1609/aimag.v11i4.855>
- Ton, N. T. H. (2022). Moscow Technique in Project Management: Research on Requirement Prioritization Ratio in Software Project to Increase Customer Satisfaction Based on Moscow-Integrated Kano Model. *Proceedings of the 15th NEU-KKU International Conference on Socio-Economic and Environmental Issues in Development*, 361–368.
<https://www.academia.edu/81586729>
- Vaishnavi, V. K., & Kuechler, W. (2015). *Design Science Research Methods and Patterns: Innovating Information and Communication Technology*, 2nd Edition (0 ed.). CRC Press. <https://doi.org/10.1201/b18448>
- Van Der Waldt, G. (2020). Constructing conceptual frameworks in social science research. *The Journal for Transdisciplinary Research in Southern Africa*, 16(1).
<https://doi.org/10.4102/td.v16i1.758>